

Literatura – Ficha seis

Turmas de Março - C e D

Marcelo Augusto

---

# Poesia e Universo

---

**Elementos da Literatura em verso**

Marceloboujikian@gmail.com

## Repetição

Já discutimos sobre Poesia ao longo das fichas anteriores. O objetivo desta ficha é encerrar estes estudos.

Convém, primeiramente, distinguir o poema lírico da Poesia.

Poesia é, por exemplo:

a repetição de sílabas poéticas em um verso

a repetição da mesma ideia em um texto

a repetição de corpos através do espaço

a repetição de movimentos através do tempo

a repetição de notas musicais encadeadas num compasso

Trataremos, apesar dessa rica variedade, da Poesia que se manifesta através do poema lírico. Como se deve ter percebido, ela existe também na literatura em prosa, ainda que nesta em menor grau.

Do mesmo modo, a propriedade narrativa não se limita à prosa: aparece também no verso. É este especialmente o caso da Poesia Épica.

Logicamente nem toda repetição é poesia, apenas o são aquelas significativas o bastante para despertar algum tipo de encantamento.

Uma das características da poeticidade é a equivalência dos vários níveis do discurso articulado: o arranjo de elementos sonoros encontra ressonância no arranjo das figuras de linguagem e das construções gramaticais, bem como na disposição do verso ou da estrofe. Esta equivalência múltipla nada mais é do que uma cadeia de repetições, integradas significativamente para a obtenção de determinado efeito.

Tomemos como exemplo algumas figuras de linguagem comumente empregadas. Perceberemos que boa parte delas se relaciona de algum modo com o conceito de repetição.

Devemos lembrar que é mais importante entender que repetições podem ser trabalhadas para que ocorram em lugares diferentes e de maneiras diferentes, do que memorizar o nome de repetições específicas!

### *Figuras de linguagem*

- a) Aliteração: consiste na repetição ordenada de determinado som consonantal.
- b) Assonância: consiste na repetição ordenada de determinado som vocálico.
- c) Paronomásia: consiste na repetição de palavras cujo significante é igual ou semelhante, mas que possuem significados distintos. Exemplo: houve, ouve.

- d) Anáfora: é a repetição da mesma palavra ou grupo de palavras no princípio de frases ou versos consecutivos. Deve-se notar que uma anáfora pode ser simultaneamente uma aliteração e uma assonância.

**“Vi uma estrela** tão alta,

**Vi uma estrela** tão fria!

**Vi uma estrela** luzindo

Na minha vida vazia.

**Era uma estrela** tão alta!

**Era uma estrela** tão fria!

**Era uma estrela** sozinha

Luzindo no fim do dia.”

- e) Onomatopeia: é uma figura de linguagem na qual se reproduz um som com um fonema ou palavra. Ruídos, gritos, canto de animais, sons da natureza, barulhos de máquinas, etc.

- f) Elipse: consiste na omissão de um termo facilmente identificável através dos conhecimentos do receptor acerca da sintaxe de sua língua nativa. No caso da elipse, a figura de linguagem se origina da ausência de repetição.

“Peço-lhe me deixe ir” (omissão da conjunção “que”)

- g) Zeugma: consiste na elipse de um termo que já apareceu anteriormente no texto.

“Ele prefere cinema; eu, teatro.” (omissão de prefiro)

- h) Polissíndeto: consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período.

“[...] **Se** era noivo, **Se** era virgem, **Se** era alegre, **Se** era bom, não sei, é tarde para saber. [...]”

(Carlos Drummond de Andrade)

- i) Assíndeto: Chamamos de assíndeto a figura de linguagem que consiste na omissão de conjunções entre orações dispostas em seqüência.

“A tua raça quer partir,  
guerrear, sofrer, vencer, voltar”. (Cecília Meireles)

- j) silepse: consiste na concordância não com o que vem expresso, mas com o que se subentende do texto, com o que está implícito. A silepse pode ser:

- De gênero: **[fulano]** Vossa Excelência está preocupado.
- De número: “[**o poema**] Os Lusíadas glorificou a literatura portuguesa.”
- De pessoa: “[**Eu**] O Presidente da República faço saber que (...) “

- k) Anacoluto: consiste na formação de uma “ilha

sintática” em algum momento da frase. Este recurso remete à situação de fala, contribui para a impressão de oralidade na escrita. Geralmente o termo “ilhado” é retomado posteriormente.

“**A vida**, não sei realmente se ela vale alguma coisa.”

O termo “a vida” é retomado na oração seguinte através do pronome “ela”. Há neste caso uma repetição da ordem do significado a partir de significantes diferentes, com o intuito de destaca-lo em relação aos demais.

l) Pleonasma: consiste numa redundância cuja finalidade é a de reforçar de algum modo a mensagem.

“E **rir** meu **riso** [...]” (Vínicius de Moraes)

m) Hipérbato: também conhecido como inversão, é uma figura de linguagem que consiste na troca da ordem direta (sujeito, verbo, objeto) dos termos da oração.

n) Ironia: é a figura que apresenta um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico ou humorístico.

o) Eufemismo: consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; procura-se suavizar alguma afirmação desagradável.

“Querida, ao pé do **leito derradeiro** [...]” (Machado de Assis)

p) Hipérbole: trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática.

Estou **morrendo** de sede. [em vez de “estou com muita sede”]

q) Gradação: é a repetição de significados a partir de significantes em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax) de intensidade.

“Ó não guardes, que a madura idade

te converta essa flor, essa beleza,

**em terra, em cinzas, em pó, em sombra, em nada.**”  
(Gregório de Matos)

r) Metáfora: é um deslizamento da relação entre o signo e seu referente habitual. Consiste em empregar um termo com significado diferente daquele que geralmente possui, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. Deve-se notar que aqui ocorre a repetição da mesma ideia a partir de elementos semânticos que pertencem a universos diferentes. É a principal figura, que serve de base a todas as outras.

“**Meu pensamento é um rio subterrâneo.**” (Fernando Pessoa)

A comparação metafórica, por sua vez, é feita por meio de um conectivo (com, como, parecia, etc.)



- s) Metonímia: como a metáfora, consiste numa transposição de significado. Contudo, a metonímia se baseia numa relação de proximidade (contiguidade) semântica entre o termo utilizado e o termo que se pretende significar. Na metonímia, um termo substitui outro não porque a nossa sensibilidade estabelece uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam (caso da metáfora), mas porque esses elementos têm, de fato, alguma relação de dependência.

Não tinha teto em que se abrigasse. (“teto” em lugar de “casa”)

- t) Catacrese: ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo, configurando uma metáfora. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que o termo está sendo empregado em sentido figurado.

O **pé** da mesa estava quebrado.

- u) Antonomásia: consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade:

os quatro rapazes de Liverpool (em vez de “os Beatles”)

- v) Sinestesia: é uma figura que designa a união ou junção de planos sensoriais diferentes. Tal qual a metáfora, são relacionadas entidades de universos distintos.

“**A luz crua** da madrugada invadia meu quarto.”

- w) Antítese: consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido. Aqui falamos de repetição de ideias pertencentes ao mesmo universo semântico.

“Os jardins têm vida e morte.”

- x) Paradoxo: Apesar de ser uma figura parecida com a antítese, elas se diferenciam porque as oposições presentes na antítese são conciliáveis, ou seja, elas podem coexistir. Já as oposições presentes no paradoxo são racionalmente inconcebíveis.

“A explosiva descoberta

Ainda me atordoa.

**Estou cego e vejo.**

**Arranco os olhos e vejo**”.(Carlos Drummond de Andrade)

- y) Prosopopeia ou personificação: consiste em atribuir a objetos inanimados características que são próprias de seres animados.

“**O jardim olhava** as crianças sem dizer nada.”

- z) Ambiguidade: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela seja polissêmica, ou seja, que ela apresente mais de um sentido.

O guarda deteve o suspeito em sua casa. (na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

## Ritmo

Esses elementos que compõem o verso são indissolúveis, e não podemos imaginar um sem o outro. No entanto, se tentássemos, por um esforço de abstração, imaginar quais elementos funcionam com maior importância na caracterização de um verso, chegaríamos provavelmente à conclusão de que é o ritmo.

A poesia se distingue pelo seu caráter de organicidade, com leis lógicas próprias. Em resumo, o poema tem um começo, um ponto zero, de onde se deriva um meio, que decorre do impulsor rítmico-temático inicial de modo necessário, e exige certo paradeiro final, sendo que, nas extremidades, se verifica uma inversão de situações ou sua complementaridade.

O velho dito de que não se pode tirar nem pôr qualquer elemento de um poema bem feito sem alterar seu todo continua valendo, se a perspectiva aristotélica de coerência e necessidade da poesia for aceita como premissa. Nesse contexto, valem as leis que seus elementos demonstram erigir como válidas, e não a comparação com as leis do real extraliterário.

O ritmo é a alma, a razão de ser do movimento sonoro, o esqueleto que ampara todo o significado. Considerando isto, muitos chegam à conclusão de que o ritmo seria uma espécie de manifestação, na arte, de realidades elementares da vida.

O ritmo obtido através da arte seria equivalente à tradução de ritmos orgânicos. Uma vez que também a vida se manifesta basicamente por meio de ritmos: a

pulsção cardíaca, o movimento respiratório, a marcha, o gesto. **Sendo assim, o ritmo teria um fundamento biológico e estaria ancorado nas repetições da própria natureza.**

O verso corresponde, de fato, a uma certa realidade respiratória, que se define antes de mais nada pela possibilidade de emitir a sucessão de sons em certas unidades de emissão respiratória, ou seja, em **sílabas poéticas**.

Levada às últimas consequências, esta conclusão ressoa no conceito aristotélico de que toda arte é imitativa da vida. O homem traduz pelos seus meios de expressão um fenômeno que é anterior e superior a ele.

Com efeito, é inegável que o movimento rítmico preexiste qualquer sistematização feita pelo homem, e que os movimentos orgânicos se fazem ritmicamente, por sua própria natureza.

O homem que faz Poesia conhece o ritmo na natureza e pode tê-lo observado e imitado, e a associação humana cria tipos de atividades ritmadas que incrementam esse conhecimento e o direcionam a fins específicos.

Com isso, ficamos de posse de algumas noções importantes: o ritmo é uma realidade profunda da vida e da sociedade; quando o homem imprime ritmo à sua palavra, para obter efeito estético, está criando um elemento que liga esta palavra simultaneamente ao

mundo natural e ao mundo social, que são afinal o mesmo.

O ritmo é provavelmente o motivo pelo qual a Poesia se apoia tão intensamente na repetição. **Sendo uma realidade tão profunda, é indispensável que seja utilizado para transmitir a impressão de verossimilhança.**

Ritmo é, portanto, elemento essencial à expressão estética nas artes da palavra, sobretudo quando se trata de versos, isto é, um tipo altamente concentrado e atuante de palavra. Ele permite criar a unidade sonora na diversidade dos sons.

## Condensação

O poema se equilibra sobre esse paradoxo: deve conter a maior expressão possível distribuída na menor extensão possível. Assim como o critério de repetição possui uma profunda ligação com o critério de verossimilhança, **também a condensação se relaciona intimamente com o critério de necessidade.**

Das formas literárias, a poesia é a que mais exige introspecção, porque condensa múltiplos sentidos num espaço gráfico mínimo. Graças aos processos de realce dos signos, o poema exige do seu leitor um olhar muito mais atento à página, uma ativa mobilização do conteúdo intelectual e afetivo preexistente ao contato, um ajustamento contínuo de emoções e desejos, juízos e avaliações, conforme a leitura progride.

A vereda poética de desvelamento das aparências sensoriais é a imagética. No poema, em grau habitualmente mais elevado do que na prosa, a produção de sentido ocorre pela transposição de referentes, através das metáforas. O complexo de referência projetado imaginariamente pelos signos não obedece à correspondência de um para um (sentidos adicionais são construídos no poema), o que obriga a operações mentais de decifração.

A condensação dos sentidos operada pela palavra poética não procede, porém, apenas da imagética ou da sonoridade. Para poder entender porque o poema significa mais do que o conjunto de seus signos é preciso ir além do nível verbal, entrando no campo das representações.

Uma das propriedades essenciais do texto poético



é criar para o leitor um quadro de referências autônomo, levando-o a construir uma situação de comunicação apenas a partir dos elementos dêiticos do texto (são signos dêiticos aqueles que não significam, apenas indicam, mostram), tais como os pronomes pessoais (**eu, tu**), os demonstrativos (**este, esse, aquele**), os advérbios temporais e espaciais e certos tempos verbais.

Se na comunicação cotidiana, falante e ouvinte estão presentes no mesmo lugar, ao mesmo tempo e cada um, além do que diz e ouve, tem pressupostos e expectativas quanto ao outro, no poema esse contexto comunicativo está prefigurado verbalmente e induz o leitor a refazê-lo, naturalizando tudo o que nele é artifício.

**Existe uma incompletude necessária do universo imaginário projetado pelo tecido verbal.** Na apreensão da realidade, a percepção recebe o objeto plenamente determinado. **No texto ficcional, a determinação dos seres e do espaço-tempo nunca recupera a integridade do real.** O poeta é conduzido, pelos limites gráficos e por esse **reducionismo da linguagem**, a recortar os elementos do mundo a ser criado e a dispô-los no arranjo mais econômico para o efeito intencionado. Surgem, por isso, pontos vazios, lacunas em que a voz ficcional silencia.

O poeta dirige sua atenção principalmente para aquele conhecimento que todos os homens carregam consigo. Apesar de coisas que silenciosamente escapam do espírito e de coisas que são violentamente destruídas, o poeta mantém unido, pela paixão e pelo

saber, o vasto império da sociedade humana.

Por isso, tais vazios são preenchidos automaticamente pelo leitor, através da mobilização de dados da memória e de operações intelectuais, afetivas e volitivas, sem muita consciência do sujeito em relação ao processo.

---

**Condensação ► necessidade**

**Repetição (ritmo) ► verossimilhança**

---



## AMOSTRAS

### ME DEI UM SOCO NA CARA MAS REVIDEI DANDO A OUTRA FACE

Quantos carros tenho que atropelar?

Quando o abismo mergulhar em mim  
vai sentir frio.

Minha colcha de vísceras está  
cheia de  
buracos.

Resultado da briga com facas  
das minhas crianças  
interiores.

Matheus Carrera Massabki (2013)

## SENTIMENTO DO MUNDO

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.  
Quando me levantar, o céu  
estará morto e saqueado,  
eu mesmo estarei morto,  
morto meu desejo, morto  
o pântano sem acordes.  
Os camaradas não disseram  
que havia uma guerra  
e era necessário  
trazer fogo e alimento.  
Sinto-me disperso,  
anterior a fronteiras,  
humildemente vos peço  
que me perdoeis.  
Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desafiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microscopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados  
ao amanhecer  
esse amanhecer  
mais que a noite.

Carlos Drummond de Andrade (1940)